

Incorà cuà!* – *Ti tazi sempre te parli mai*, de Cátia Dal Molin

NICOLLAS CAYANN**

A ideia de “outredade” é comumente traduzida no Brasil como “alteridade”. Importada de teóricos anglófonos, a palavra *Otherness* carrega em si o sentido de ser, declarar-se, sentir-se diferente daquilo que é costumeiro, corriqueiro, ou comum. De acordo com o *Dicionário Routledge de Termos Literários*,

Alteridade: A definição do dicionário para o termo alteridade é “estado de ser outro, ou diferente, diverso, outredade”. É usado como uma alternativa (que, por acaso, é um termo cognato de alteridade) à “outredade” que surgiu com as mudanças da filosofia do século XX que moldaram a conceitualização de identidade partindo da perspectiva humanista e cartesiana da consciência do eu localizada na mente individual, baseada na proposição “penso, logo sou”, subjetivamente encontrada em textos sociais que são constituídos de forma discursiva e ideológica¹ (CHILDS; FOWLER; 1973, p. 5 - tradução nossa).

Segundo o *E-Dicionário de termos literários* de Carlos Ceia, alteridade é:

Facto ou estado de ser Outro; diferição do sujeito em relação a um outro. Opõe-se a identidade, mundo interior e subjectividade. Este tema aparece com alguma insistência nos mais recentes estudos pós-coloniais, feministas, desconstrucionistas e psicanalíticos, e é também tratado no dialogismo de Bakhtin. A questão da alteridade (ing. otherness; fr. alterité; al. Anderssein)

* “Incorà Cuà!” é uma expressão de língua vêneta que significa “ainda aqui” em português brasileiro. Esse é o título de um jornal publicado no ano de 2018, sob direção de Fernando Menegatti, na cidade de Bento Gonçalves. Não faço avaliação do conteúdo do jornal nesta resenha, tampouco sei do projeto ou de futuros desdobramentos, logo não me alio à publicação. Contudo, acho incrível que exista em terras brasileiras uma espécie de gazeta vêneta escrita em Talian. Tanto o livro que aqui resenho, quanto o jornal, chegaram a mim pela gentileza do professor Marcos Zancan, coordenador do projeto Talian do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria.

** Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – 97105-900 – Santa Maria – RS - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: nicollascayann@gmail.com

¹ **Alterity:** The dictionary definition of the term alterity is ‘the state of being other or different; diversity, otherness’. Its use as an alternative (which, as it happens, is a term cognate to alterity) to ‘otherness’ has emerged from changes in twentieth century philosophy that have shifted the conceptualization of identity from the Cartesian humanist proposition of a self-contained consciousness located in the individual mind, based on the proposition ‘I think therefore I am’, to subjectivity located in social contexts that are discursively and ideologically constituted[#] (CHILDS; FOWLER; 1973, p. 5).

corre o risco de se tornar simplisticamente universal, no caso de considerarmos o Outro como uma categoria omnipresente, porque tudo está em oposição em relação a alguma coisa ou a alguém. É necessário delimitar a aplicação do conceito e, de preferência, pelo menos no que toca à literatura, considerá-lo apenas nas relações poéticas, dramáticas e nas que se abrem nos textos literários (CEIA, 2017).

A alteridade possui funções distintas em diversas áreas de conhecimento, contudo, de forma geral, a alteridade é um termo latino que significa constituir-se como um “outro” (ABBAGNANO, 1998). A narrativa que percorre a história mundial, e que afeta diretamente a brasileira, tem sido constantemente posta através de um viés que silencia diferentes vozes (ditas “menores”) desses “outros”. E a narrativa que corresponde à história do outro? Fica a cargo de quem a contar? No texto “Quem reivindica alteridade?” (1994), Spivak pontua o fato de concernir-se com a alteridade, majoritariamente nas dinâmicas de apropriação e silenciamento da história do(s) outro(s). O fato é que algumas narrativas de grupos entendidos como “menores” não corroboram alguns objetivos, principalmente naquilo que diz respeito a narrar uma nação: “Somos obrigados a trabalhar dentro de narrativas da história, e inclusive acreditar nelas” (SPIVAK, 1994, p. 190). As narrativas são importantes mecanismos nos parâmetros que contornam os processos identitários, e esses processos são em suma imaginados.

Foi Benedict Anderson quem cunhou o constructo de comunidades imaginadas. Para o autor, o termo se estabelece em confronto com a ideia de comunidade real, que, segundo Anderson, não é capaz de se expandir em uma extensão maior que a de um pequeno burgo, onde todos, de fato, se conheçam, qualquer proposta que seja mais expansiva que isso é imaginada. Anderson afirma que a nação é uma comunidade política imaginada. O autor sugere que:

Definir uma região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não a pensar como uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza (ANDERSON, 2008, p. 24).

Imaginadas e reimaginadas drasticamente, ao longo da história, as identidades são um importante mecanismo das comunidades. É verdade que as identidades são frequentemente delimitadas e isso é um exercício com pouquíssima durabilidade, pois as identidades são por natureza móveis. Mesmo assim, é surpreendente a flexibilidade e a pluralidade de desdobramentos que as identidades vivenciam na América Latina, ao ponto de se afirmar que a singularidade das identidades latino-americanas é basicamente sua pluralidade:

O tema da identidade talvez seja o mais insistente dentro do pensamento latino-americano: desvendá-la ou construí-la é uma “longa viagem”, já nos disse Leopoldo Zea. Irlemar Chiampi foi mais longe e afirmou que ele foi e é “a força vitalista e propulsora” desse pensamento (PINTO, 2004, p. 77).

Já é praticamente acordo comum que as terras tupiniquins são uma “mistura” de cores, gentes, saberes, culturas e línguas diferentes, e nestes parâmetros todas as partes do Brasil são compostas de diferentes “outros”, o Rio Grande do Sul é um dos estados que mais explora estes relevos multiculturais (ao menos os de origem europeia, pois é sabido que, não só em terras gaúchas, outras culturas – como as indígenas por exemplo – são preteridas). E na construção da ideia de Brasil, ao longo dos anos desse constructo nacional, uma boa parte das diferentes culturas estabelecidas em terras brasileiras foi deixada de lado.

Também entendida como um conceito, a nação é, desta forma, sujeita à análise. A ideia de nação, vista através dos princípios teóricos de Anderson, é um construto feito perpassando as predefinições de comunidade imaginada. A repetição hiperbólica daquilo que se delimitou como nação é a ideia que se distribui e perpetua como identitária de uma nação imaginada (FRANCO, 1994). O espaço preenchido pela ideia de nacional é um território privilegiado para se tratar de alteridade (é comum às nações letradas possuírem um romance fundador²), pois as narrativas de nação são construídas nos alicerces firmes que geram (ou acirram) as fronteiras entre “nós” e os “outros”.

É no sentido de dar voz aos “outros” que surge o livro *Ti tazi sempre te parli mai* (DAL MOLIN, 2018). Surgido de vários esforços acadêmicos de diferentes princípios, a autora menciona a importância da participação no projeto (em 1997) do Laboratório de História Oral no Centro Franciscano em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Através de contatos com diferentes histórias de imigrantes a autora comenta a respeito das impressões que teve do impacto do período Vargas no Brasil, no qual o vêneto falado em território brasileiro (hoje Talian) e outras línguas estrangeiras ao português foram proibidas em uso oral e escrito. No intuito não só de dar voz aos silenciados, a autora promove um livro que versa sobre a história de um povo que ainda vive em terras brasileiras e que ainda (de forma diminuta, e de certo modo precarizada) passa suas tradições de geração em geração. Autora e organizadora do livro, Dal Molin recupera um trecho considerável da história da imigração no Brasil, e além disso entrega às comunidades falantes de Talian um material sobre estas comunidades escrito inteiramente em Talian e Italiano.

Na obra histórica e literária, Dal Molin conta tristezas, felicidades, conquistas, frustrações e promessas que os efeitos da imigração no Brasil causaram. Com notas, introduções e apresentações, o livro é enriquecido de pareceres de usuários do Talian, logo no primeiro capítulo, pós nota da autora, Maíra Ines Vendrame trata do percurso do imigrante Andrea Pozzobon. De relevante importância para o cenário do Talian no Brasil, Pozzobon foi um dos instrutores de Talian em diferentes escolas, além de comerciante, catequista e agente consular. Vendrame analisa as memórias deixadas por Pozzobon.

² Formatos narratológicos unificadores de ideias nacionais, ou de projetos nacionais. De acordo com Doris Sommer (1994), a proposta do romance fundador é ser, especificamente, uma ficção que se dispõe a passar-se por verossímil e ganha progresso e desenvolvimento por associação política, ou na diretamente na ideia de construir narrativa nacional. Nestes romances encontramos uma imagem pouco plural da nação, unificando assim os aspectos que, para certo grupo, são mais relevantes. Logo, renega-se conflitos em favor de definições mais homogêneas. A nação é narrada de um viés monológico privilegiando alguns e prejudicando “outros”.

No texto que segue, “Brasile vero contro Brasile falso”, é discutido por René Gertz a ideia de “perigo alemão”. Com foco em questões étnicas, políticas, culturais e religiosas trata dos generalismos nas regiões coloniais no período entre 1933 e 1945 e dos preconceitos sofridos por imigrantes. Na sequência o texto de Maria Catarina Zanini fala do Estado Novo e conversa bastante com o texto de Gertz no que tange às ideias de nacionalismo e perigo estrangeiro. Já Renan Broges Gonçalves trata de memória, repressão e guerra falando dos campos de repressão para imigrantes como “inimigos da pátria” e a perseguição sofrida pelos ditos “inimigos da nação”.

Um dos maiores textos do compêndio fica a cargo de Dal Molin. Em “Ti tazi sempre, ti parli mai: Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasile: 1942”, a autora tece um texto muito interessante que busca resgatar acontecimentos que caíram no esquecimento da memória da imigração. Através de revisão bibliográfica e dados secundários (documentos e testemunhos da época) Dal Molin reconta a história da imigração italiana/vêneta no sul do Brasil. Além de todo o material histórico e cultural exposto no livro, o capítulo de encerramento traz um prisma linguístico ao livro. No capítulo final Alessandro Mocellin faz uma análise linguística de um texto de Talian (variante do vêneta que se fala no Brasil). Ademais, Mocellin faz um trabalho quase que artesanal de reconstrução do surgimento da língua vêneta e de sua propagação.

Um livro muito bem curado e composto de forma bilíngue, *Ti tazi sempre te parli mai*, é o primeiro livro brasileiro escrito em Talian, dando assim, pela primeira vez, um status acadêmico para uma língua que é reconhecida no Brasil. Mais que um resgate histórico interessantíssimo, e uma reflexão cultural muito rica, o livro é uma forma de trazer o Talian ao mundo moderno.

CAYANN, N. Incorà cuà! – *Ti tazi sempre te parli mai*, by Cátia Dal Molin. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 11, n. 1, p. 254-258, 2019. ISSN 2177-3807.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CEIA, C. *E-Dicionário de termos literários Carlos Ceia*. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/>> Acesso em: 30 de set. 2018.

CHILDS, P.; FOWLER, R. *The Routledge Dictionary of Literary Terms*. 1. ed. Nova York: Routledge Press, 2006.

DAL MOLIN, C. *Ti tazi senpre te parli mai*. Trad. Santa Maria: UFSM, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, 2018.

FRANCO, J. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 99–126.

PINTO, J. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

SOMMER, D. Amor e Pátria na América Latina: uma especulação alegórica sobre sexualidade e patriotismo. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 158–183.

SPIVAK, G. Quem reivindica alteridade?. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187–205.

Recebido em: 17 dez. 2018

Aceito em: 15 fev. 2019